

Testimonio latino-americano e as narrativas em Grama e Persépolis¹

Agda Helena Ribeiro²
Tamires Ferreira Coêlho³
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Resumo

Este texto parte de uma pesquisa sobre jornalismo em quadrinhos produzido por mulheres orientais e suas estruturas narrativas. Explora-se mais especificamente o *testimonio* latino-americano e a possibilidade de expansão da abrangência deste tipo de jornalismo, observando indícios dele em diversas narrativas do Sul Global. Analisando-se as *graphic novels* Grama (2017), de Keum Suk Gendry-Kim, e Persépolis (2000), de Marjane Satrapi, é possível encontrar em suas narrativas características que conectam essas obras e que as aproximam do *testimonio* latino-americano. Também é possível refletir sobre a potência de narrativas testemunhais como ferramenta política de construção de memória histórica.

Palavra-chave: *testimonio* latino-americano; Grama; Persépolis; narrativas; jornalismo em quadrinhos.

Introdução

O *testimonio* latino-americano se constitui como um tipo de narrativa em que indivíduos buscam narrar o que testemunharam, articulando isso a eventos coletivos e, através do relato individual, também contando histórias coletivas. De teor jornalístico, o *testimonio* é inerentemente político, buscando, através dos relatos, denunciar violências e injustiças ligadas a contextos de repressão, onde há silenciamentos e a imposição de uma versão hegemônica. Devido ao objetivo de registrar o que foi visto, o *testimonio* também assume uma característica documental, como uma ferramenta de construção de memória social que questiona esses eventos.

Apesar de o gênero narrativo testemunhal estar inerentemente ligado à América Latina, há questionamentos por parte de estudiosos sobre a possibilidade de flexibilização da aplicação desse conceito, já que suas características principais são identificáveis em relatos testemunhais de outras partes do Sul Global. Com o intuito de discutir possibilidades de expansão conceitual, foram selecionadas para análise as *graphic novels*

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Bolsista PIBIC com financiamento do CNPq, e-mail: agdahelenaribeiro@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho, do projeto de iniciação científica e professora de Jornalismo da UFMT, e-mail: tamires.coelho@ufmt.br.

Persépolis (2000), da iraniana Marjane Satrapi, e *Grama* (2017), da autora sul-coreana Keum Suk Gendry-Kim.

Este artigo adota uma análise da narrativa gráfica dos quadrinhos, realizando um paralelo entre o contexto sociocultural de suas histórias e o conceito do *testimonio* latino-americano. A investigação das *graphic novels* é fundamentada nas características do *testimonio* latino-americano, elevadas a categorias analíticas, juntamente com reflexões acerca do papel dessas obras e do próprio *testimonio* como forma de resistência e ferramenta de construção de memória histórica. Também é realizada uma apresentação sobre o jornalismo em quadrinhos, buscando contextualizar a trajetória que possibilitou a produção dessas obras.

***Testimonio* latino-americano**

O jornalismo atravessou diversas transformações século XX, com a década de 1960 marcada por mudanças na forma de se contar histórias factuais devido a transformações sociais e culturais que se desenrolaram em diversas regiões do mundo. Luis Fernando Assunção (2016, p. 3) destaca que, “à medida em que as feições industriais tomavam forma em meados do século 19, o jornalismo impresso e a literatura se aproximam mais”, com essa aproximação gerando uma busca por formas inovadoras de se produzir textos jornalísticos.

Assunção (2016) também observa como essa busca gerou fenômenos como o *New Journalism*, uma perspectiva que narrava histórias factuais utilizando elementos típicos da literatura, com estruturas narrativas diversas, tempo maior de apuração das informações e um teor mais intimista, se destacando primordialmente por abordar narrativas jornalísticas de forma aprofundada. Essas produções se concentraram principalmente nos Estados Unidos, gerando obras como *A Sangue Frio* (1966), de Truman Capote, abordando histórias jornalísticas utilizando um tom mais pessoal e subjetivo (Dutra, 2003).

As transformações políticas do período de 1960 a 1970 também afetaram o jornalismo em quadrinhos, com produções atravessadas explicitamente pelas experiências e vivências dos autores neste período de efervescência política e cultural (Dutra, 2003). Muitos dos materiais que surgiram a partir desta época são dedicados a retratar temas especialmente densos, como histórias familiares e experiências em ambientes de guerra, a exemplo de *Maus* (1986), de Art Spiegelman, e os trabalhos de Joe Sacco, de modo que essas produções discutiam histórias factuais através de uma

linguagem visual que retratasse essas vivências utilizando uma perspectiva visual mais intimista e com maior liberdade artística.

Por se tratarem de transformações narrativas que foram diretamente influenciadas pelos eventos sociopolíticos que emergiram nessas regiões, o jornalismo da América Latina percorreu um caminho que não pode estar apartado do fato de que diversos países dessa região enfrentaram um autoritarismo crescente em seus governos, com a ascensão de regimes ditatoriais, marcados pela perseguição e violência contra opositores, censura midiática e tentativas contínuas de silenciamento. Em meio ao contexto de repressão, surgiu o *testimonio* latino-americano, formato jornalístico considerado por alguns autores como semelhante ao *New Journalism*, mas carregado de um caráter inerentemente político e denunciatório (Assunção, 2016).

Assunção (2016, p.5) explica que

Em determinados momentos o Testimonio aplicava técnicas semelhante ao seu congênere norte-americano, como construção cênica, transcrição de diálogos com fidelidade, observação e fluxo de consciência. Houve, entretanto, uma diferença exponencial: o contexto político e cultural em que passava a América Latina. O autoritarismo crescia, com os jornalistas sendo silenciados por ditaduras ascendentes nos principais países, explicando um pouco a narrativa mais carregada e engajada do movimento em relação ao seu congênere norte-americano.

Enquanto o *New Journalism* focava apenas em contar narrativas jornalísticas sob uma perspectiva mais aprofundada e intimista, o *testimonio* latino-americano possui como principal característica denunciar o que foi presenciado, correr riscos, buscando, através de relatos individuais, denunciar problemas e sofrimentos que também são coletivos. Narrativas testemunhais latino-americanas configuraram-se como uma forma de confronto e resistência contra o silenciamento de governos ditatoriais. Por ser um tipo de narrativa centrada em registrar o que foi testemunhado, as produções do *testimonio* também possuem características híbridas, sendo simultaneamente registro histórico, produção literária e produto jornalístico.

Apesar de ter se originado na América Latina, diversos autores discutem a possibilidade de flexibilização deste conceito devido às características do *testimonio* latino-americano estarem presentes também em narrativas de outras regiões do Sul Global, como Lucía Lo Bianco Battista (2022). Lo Bianco Battista concorda com Beverley ao observar, ainda no século passado, que “el auge del testimonio ha tenido una

relación muy estrecha con el desarrollo de lucha armada en todo el Tercer Mundo. Hay una literatura testimonial palestina, vietnamita, angoleña, etc.” (Beverley, 1987, p. 10).

Outra observação notória é a da pesquisadora Caroline Menezes Lima (2022, p. 55), que aborda como o *testimonio*, de forma geral, é fundamentado a partir das narrativas de sujeitos considerados “subalternos”, termo utilizado pela autora sob uma ótica descolonial e baseando-se nos estudos de Gayatri Spivak. A subalternidade “descreve as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (Spivak, 2010, p. 14), em situações marcadas por relações de poder que excluem alguns, sobretudo mulheres na obra da autora indiana, em detrimento de outros.

Assim, o *testimonio* configura-se como essa narrativa que busca confrontar o silenciamento desses indivíduos, colocando esses sujeitos marginalizados ao centro da narrativa, retratando problemas e visibilizando os temas denunciados. Uma vez que se analisa as narrativas do Sul Global, é possível observar características em comum nesta região: são países atravessados/prejudicados por processos de colonização, imperialismo, regimes políticos opressivos, intervenções econômicas e políticas, bem como assimetrias criadas ou fomentadas por potências do Norte Global. As feridas históricas (ainda expostas) não estão presentes apenas na América Latina. Assim, é possível observar as características do *testimonio* latino-americano em relatos testemunhais muito além do território onde o termo conceitual foi cunhado.

Essas obras também podem ser enquadradas como material documental histórico, justamente por serem registros do contexto sociopolítico de uma região, auxiliando na construção de memória histórica que abranja não somente as visões hegemônicas sobre esses eventos, mas também os relatos daqueles que os presenciaram. Sobre esse aspecto de construção da memória, Carolina Menezes Lima (2022) explica que

Diante da relação conflitiva entre os sujeitos e o passado, principalmente se levarmos em conta histórias vinculadas ao contexto de ditaduras, conflitos e regimes de violência, a memória individual e coletiva se constrói como uma ferramenta fundamental de construção democrática e de desenvolvimento de processos de reconhecimento, justiça, reparação e, principalmente a não repetição de atos violentos (CORRALES, 2015). Os períodos de mudanças sociais são aqueles que mais apontam a significância da memória como campo epistemológico, não só para fins de registros como pelo reconhecimento e legitimação dos casos e seus envolvidos, trazendo à tona denúncias e a busca por responsabilização.

Através dessa documentação, essas narrativas conservam essas experiências, auxiliando a consolidar uma memória histórica que confronta as versões hegemônicas, que raramente incluem os “subalternos”.

“Persépolis”, “Grama” e a potência das narrativas testemunhais

Apesar de se ambientarem em regiões bastante diversas entre si, as *graphic novels* *Grama* (2017) e *Persépolis* (2000) compartilham características que interligam as suas narrativas. *Persépolis* (2000) é a autobiografia de Marjane Satrapi, onde narra sua infância em um Irã politicamente em conflito, a violência das guerras presentes em seu cotidiano e o seu período de refúgio na Europa, onde também foi confrontada com outras formas de repressão, como a xenofobia em território francês. Já *Grama* (2017) é o registro das memórias de Ok-Sun Lee, uma sobrevivente de uma forma específica de escravidão sexual (conhecida como “mulheres de conforto”) praticada pelo Exército Imperial Japonês no decorrer da Segunda Guerra Sino-Japonesa, em meados de 1942.

As duas narrativas, constitutivas de partes muito distintas do que se entende por “Oriente”, concentram-se em registrar temas marginalizados e sob perspectivas que raramente são acionadas. Keum Suk Gendry-Kim destaca os crimes cometidos contra as mulheres de conforto, que passam por um apagamento histórico contínuo, com os governos sul-coreano e japonês se recusando constantemente a tratar sobre essa temática. Marjane Satrapi também discute em sua obra como o governo iraniano frequentemente perseguia e silenciava vozes contrárias ao regime político instaurado, especialmente quando vindas de mulheres. Nos capítulos dedicados a contar sobre seu período de estadia na Europa, Satrapi também observa um desinteresse por parte do Ocidente sobre as questões políticas iranianas, relatando ter passado por um isolamento e marginalização enquanto vivia em outro continente. Apesar dos empecilhos enfrentados para poderem tratar sobre esses assuntos, as autoras decidiram se expor a riscos significativos, inclusive de julgamento social e exposição direta a situações de preconceito, com o propósito de contar essas histórias, compartilhando vivências íntimas, lembranças e experiências que muitas vezes estavam ligadas a períodos de sofrimento.

Ambos os quadrinhos também carregam um material histórico extenso, com as autoras abordando não somente as histórias das suas personagens principais, mas também contribuindo com contextualizações históricas no decorrer das obras, incluindo

momentos específicos para contextualizar algumas informações paralelamente à história principal. Em *Persépolis (2000)*, esse aspecto é visível desde o início da obra, com as primeiras páginas do quadrinho contendo um texto inicial em que a autora explica didaticamente parte da história política do seu país, presumindo de antemão o desconhecimento do público ocidental sobre o Oriente e sobre a responsabilidade de potências ocidentais sobre os problemas políticos no Irã. Em *Grama (2017)*, também há um texto complementar ao final da obra, onde a autora convida a pesquisadora Myung-Sook Yun – que se dedica a pesquisar sobre a questão das mulheres de conforto – para abordar outras questões de base que não puderam ser contadas na narrativa principal do quadrinho.

Apesar de se fundamentar em histórias individuais, esses quadrinhos retratam questões que reverberam sofrimentos e traumas coletivos, sobretudo quanto às consequências sobre as mulheres dos países em que as narrativas se passam. Durante a narração das memórias de Ok-Sun Lee, Keum Suk Gendry-Kim adiciona complementos históricos em que mostra que outras mulheres também foram vítimas da mesma violência descrita por Ok-Sun Lee, com o texto complementar da pesquisadora destacando que houve mulheres de outras regiões do Leste Asiático que também foram vítimas da brutalidade do Exército Imperial Japonês. Através do relato pessoal de sua própria vida, Ok-Sun Lee também narrou experiências compartilhadas por outras mulheres com *Grama (2017)*, buscando resgatar e visibilizar essas narrativas marginalizadas.

Em *Persépolis (2000)*, as memórias de Marjane Satrapi são atravessadas pelas questões políticas de seu país durante toda narrativa, com a autora contextualizando momentos de conflito e informações históricas específicas do Irã, contando assim também a história de outros cidadãos iranianos. Parte dos seus relatos se concentra também em sua vivência especificamente como uma mulher iraniana, com suas narrações dissertando também as opressões e preconceitos que as mulheres iranianas viviam no Irã e na Europa. Por meio do registro de sua vivência, Marjane Satrapi buscou discutir a experiência política iraniana por parte de sua geração, repercutindo a vivência de outras pessoas de sua região, ainda que ela fosse privilegiada em termos de classe, o que não a impediu de sofrer violências diversas.

Carolina Menezes Lima (2022, p.55), em seus estudos acerca do que define o *testimonio*, destaca que “a relação com o testimonio se estabelece a partir de uma interpretação pessoal duma vivência coletiva, onde a experiência do indivíduo e sua

leitura dos fatos torna-se importante para o entendimento do contexto do passado [...]”. Por meio da produção e publicação dessas *graphic novels*, essas mulheres buscaram falar de questões coletivas através dessas vivências individuais, com esses trabalhos acionando e reverberando elementos do *testimonio* latino-americano.

Quadrinhos que confrontam Narrativas Hegemônicas

Por serem obras orientais, os assuntos tratados também estão sujeitos a visões preconceituosas e generalistas – fenômeno esse que remete ao “orientalismo”, conceito proposto por Edward Said (1978), que afirma que narrativas sobre o Oriente historicamente retratam essa região sob uma ótica reducionista e estereotipada. Essa visão também enquadra as mulheres orientais sob uma perspectiva especialmente limitante e violenta, reduzindo-as a uma “fantasia de poder masculina”, de modo a serem constantemente retratadas de uma forma que “manifestam uma sexualidade ilimitada, são mais ou menos estúpidas e, acima de tudo, insaciáveis” (Said, 1978, p. 257). Essa visão busca alimentar uma narrativa distorcida sobre esses povos, tendo como objetivo justificar a dominação e imperialismo europeu sobre essas regiões.

Mais do que apenas registros de memórias pessoais, esses quadrinhos também são registros políticos de regiões que historicamente passam por esse processo de homogeneização narrativa, especialmente se tratando de vozes femininas (Said, 1978). Ao abordarem vivências dessas regiões sob a perspectiva de mulheres, esses quadrinhos trazem narrativas disruptivas que desafiam discursos generalistas, emergindo visões diversas, complementos com detalhes históricos e uma abordagem que demonstra a complexidade desses temas, sendo esse confronto também um elemento do *testimonio* latino-americano.

Por serem obras produzidas em formato de quadrinhos, essa perspectiva de confronto também é elaborada de forma visual. Através das cores, traços, estruturas narrativas diversas e outras características únicas do jornalismo em quadrinhos, essas autoras podem registrar suas narrativas através de recursos visuais diversos, podendo expressar emoções e sensações de modo articulado a suas subjetividades. Vinícius Pedreira Barbosa da Silva (2020, p. 85), em seus estudos sobre as estruturas das narrativas em quadrinhos, explica que

[...] histórias em quadrinhos são compostas de fragmentos – os quadros

– colocados lado a lado, criando assim a ilusão de uma narrativa contínua. Muitas histórias jornalísticas são baseadas em indícios de fatos ou em alguns poucos episódios dos quais se tem confirmação dos acontecimentos até os mínimos detalhes – em geral, há sempre muitas lacunas para além das informações disponíveis. Usando a linguagem dos quadrinhos, esses fragmentos podem ser reunidos em uma narrativa única e fluida, sem a necessidade de ficcionalizar as passagens em que não existe clareza, pois essas passagens são deixadas entre os quadros para serem completadas pela interpretação do leitor.

Por meio desses recursos, essas obras constroem um panorama complexo que transcende descrições verbais. A construção da narrativa factual faz com que, quando esses acontecimentos estão ligados a eventos históricos, a obra não seja somente um relato pessoal, mas também concretize essa experiência (assim como livros-reportagens e os próprios textos jornalísticos). Assim, essas *graphic novels* também se tornam documentação histórica, auxiliando na formação de memória coletiva sobre esses acontecimentos.

Considerações

Ao analisar as características do que compõe o *testimonio* latino-americano e suas narrativas, é possível enfatizar que as suas características fazem parte das estruturas de narrativas testemunhais de diversos países do Sul Global. Os processos geopolíticos fizeram com que diferentes povos e sociedades do Sul Global compartilhassem feridas históricas semelhantes, com suas narrativas refletindo experiências de dominação. Muito do que Said (1978) descreve sobre as narrativas distorcidas que o Orientalismo produz pode se aproximar do processo de apagamento e homogeneização que as narrativas latino-americanas sofrem, com as obras do *testimonio* latino-americano desafiando essas imposições.

Apesar de serem regiões muito distintas, o Irã e a Coreia do Sul também compartilham traumas históricos semelhantes com os da América Latina, com processos históricos que influenciam as narrativas testemunhais de suas regiões. Por meio da análise de *Grama* (2017) e *Persépolis* (2000), é possível observar potências dessas narrativas, com preocupações que envolvem contornar a desumanização hegemônica direcionada a grupos marginalizados e contar complexas opressões que envolvem desigualdades de gênero para públicos de outros países, com essas características aproximando essas obras do conceito do *testimonio* latino-americano.

Além disso, também é possível refletir sobre como o jornalismo em quadrinhos pode retratar narrativas que envolvem temas complexos como experiências com

violências, com os seus recursos podendo ser utilizados para expressar aspectos subjetivos de uma forma desafiadora ao que se considera como inegociável no que se entende como “jornalismo tradicional”, a exemplo do lead e de uma linguagem que não pretende ser carregada de subjetividade.

Referências

ASSUNÇÃO, Luis Fernando. Testimonio como movimento e fait divers como instrumento: um outro processo produtivo jornalístico. Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo. XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, **Anais...** Goiânia, 7 a 10 jun. 2016.

BATTISTA LO BIANCO, Lucía. ¿Testimonio Latinoamericano? Una Discusión. **Caderno de Letras**, n. 43, p. 253-277, 23 set. 2022.

BEVERLEY, John. Anatomía del testimonio. **Revista de crítica literaria latinoamericana**, p. 7-16, 1987.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. **Jornalismo em quadrinhos**: a linguagem quadrinística com o suporte para reportagens na obra de Joe Sacco e outros autores. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

GARCÍA, Victoria. **Testimonio literario latinoamericano**: uma reconsideração histórica del género.

LIMA, Carolina Menezes. **Si me permiten hablar...**: Testimonio, interseccionalidade e feminismos: as contribuições de Domitila Barrios Cuenca para o pensamento social latino-americano. Brasília: Universidade de Brasília, 2022.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Schwarcz, 2020.

SILVA, Vinícius Pedreira Barbosa da; MOTA, Silva Célio Maria Ladeira. **Jornalismo em Quadrinhos**: Contextos, Pesquisas e Práticas. Santa Catarina: Insular, 2020.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.